

# Creche pede socorro para não fechar

*Casa da Criança e do Adolescente, na QNQ 5, em Ceilândia, cuida de mais de cem crianças carentes. Sobra vontade, mas falta dinheiro*

Marcelo Abreu  
Da equipe do Correio

No início, funcionava dentro de uma casa. Era quase um sonho. Havia apenas sete crianças. Era o máximo que ela podia cuidar. Em seguida, mudaram-se para um galpão comunitário. As crianças foram chegando. Aumentavam a cada dia. Em curto espaço de tempo, somaram-se 50. Até mesmo aquele galpão ficou pequeno. Muito pequeno para tanta criança.

Já se passaram sete anos. Hoje a creche funciona numa casa cedida pela Administração de Ceilândia, na QNQ 5. Virou Casa da Criança e do Adolescente. Atende a mais de cem meninos e meninas, entre 2 e 6 anos de idade, e precisa de ajuda. São crianças de mães carentes que trabalham e não têm onde deixar seus filhos.

Hoje, a mulher que começou a cuidar dos filhos dos outros dentro de sua casa pede ajuda para não fechar as portas. Maria Vitória Silva de França, de 55 anos, sete filhos e nove netos, quer continuar o trabalho em que acredita.

Sobrevivendo basicamente de doações voluntárias — o que o governo repassa não cobre (R\$ 34 por criança) nem a folha de pagamento de pessoal, em torno de R\$ 2,4 mil

— a Casa da Criança conta os centavos para colocar as contas em dia.

“Temos três professores normalistas, três monitores, duas merendeiras, uma auxiliar de limpeza e um vigia. Nossa maior dificuldade é dinheiro para pagar os salários dos nossos funcionários, que muitas vezes ficam até dois meses atrasados”, explica Maria Vitória, a presidente da instituição.

As cem crianças da creche chegam às 6h30. Lá, tomam café da manhã, lancham, e almoçam. Antes de voltarem para casa, por volta das 18h, é servida uma recheada de sopa.

Ali, naquela casa pintada de azul e branco, com cartazes que falam de amizade e solidariedade pregados pelas paredes, há esperança para aquelas crianças carentes. “Eu gosto muito daqui. Faço tudo que quero e ain-

da brinco”, ri o menino Daniel Pereira da Silva, de 5 anos. “O que minha mãe faz? Ela trabalha o dia todo. Tira sangue no braço das pessoas no hospital.”

ADOÇÃO

Além das doações voluntárias, a creche conta com um galpão onde as próprias mães trabalham para sustentar seus filhos. Por meio do Projeto Saber, da Secretaria de Trabalho, elas fazem cursos de pão, pizza, pano

## ADOÇÃO

de prato e boneca. Vendem o que produzem e metade do dinheiro vai para as despesas da creche.

“Aqui, a gente se preocupa com a criança e com a mãe. Enquanto o filho tá aqui, ela tá no galpão tirando também seu sustento. O nosso receio é de que isso tudo acabe por falta de dinheiro e apoio”, chora Maria Vitória.

Na manhã de terça-feira, alheio ao drama por que passa a creche, o espevitado Davi, de 3 anos, dormia.

Depois do almoço farto de carne, arroz e feijão, ele foi ao quarto. Deitou-se no colchão junto a outras crianças e parecia sonhar.

“Ele vive cantando música sertaneja. É o nosso cantor da creche”, brinca a professora de Artes da Fundação Educacional, Eliceuda Silva de França, de 34 anos, que coordena o trabalho pedagógico da creche. Para Eliceuda, a possibilidade de a creche fechar por falta de recursos seria o fim de um projeto que deu

certo e a incerteza de um futuro para cem crianças carentes.

Que o diga a cozinheira da Casa da Criança, Maria Boa Aventura, de 44 anos. Seus quatro filhos começaram na casa da mãe crecheira, depois foram para o galpão. “Hoje, eles tão crescidos, estudam e todos tão se encaminhando na vida”, agradece. “Se não fosse isso aqui eu não sei o que seria deles e de mim.”

Para que os trabalhos prossigam e a creche não feche, a saída, segundo

Maria Vitória, seria que as pessoas adotassem os funcionários. Não pela vida toda. Pelo tempo que puder. “E com a quantia que puder também. Seria a forma de termos o pagamento deles no final do mês”, diz.

## SERVIÇO

Quem quiser ajudar, a Creche tem uma conta-corrente no Banco Real, agência nº 0328, conta 4715484

Para visitar e conhecer o trabalho basta ir à QNQ 5, área especial, em Ceilândia. Telefone para contato: 375-2294

Nehil Hamilton



A creche começou com sete crianças, hoje tem mais de cem: três professores, duas merendeiras, uma auxiliar de limpeza e um vigia fazem o trabalho do dia-a-dia